

★ MUSICA ★ TEATRO ★ TELEVISÃO ★ R

ENTREVISTA EXCLUSIVA PARA "A GAZETA"

Os recitais na opinião de Paola Borboni

Quando a grande atriz se dispunha a embarcar para a America do Sul, alguém lhe perguntou se estava com receio. "Julga que estou com receio?" — respondeu Paola Borboni — O meu rosto não é, certamente, o mesmo de 1927, mas para a mim a vida se inicia amanhã, e afinal não sei, mas sinto ser necessario que eu vá. Penso em irmãos, em amigos, em juizos. Amo os primeiros. Desejo os segundos. Os terceiros estão à minha espera"



Paola Borboni, segunda da esq. para a dir., com seus colegas do "Stabile" de Torino, na ocasião do seu desembarque em Santos.

Considerando-se que Paola Borboni já obteve sucessos no Brasil, e particularmente em São Paulo, superflua seria a sua apresentação nesta entrevista. Existem, todavia, alguns "momentos" da sua carreira artística que não podemos deixar de pôr em relevo, quando mais não fôra, para saber através de que maturações e pesquisas profundas chegou ela aos recitais, que se ligam à gloria do monologo (as famosas "cenas-mães" das obras de antanho) e, completando-o com um alento novo e mais poderoso, lançam este genero de espetaculo rumo a significativas afirmações.

Paola Borboni começou a representar, quando ainda era menina, com De Sanctis, Calò e Armando Falconi, em cuja escola (a gloriosa tradição teatral dos maiores comicos) herdou o seu temperamento, colhendo com "Don Giovanni e la cocottina", de Sacha Guitry, o seu primeiro grande êxito.

Personagens entre as suas personagens, irritadas pelo instinto, passa através de muitas experiencias, e vemola, assim, ao lado de Ruggero Lupi e Nicola Pescatori, e sucessivamente com Ruggero Ruggeri, até que em 1938 organiza, com grandes sacrificios, uma companhia propria, nela incluindo preciosos elementos. Naquele mesmo ano regressa à America do Sul, tendo como diretor Anton Giulio Bragaglia, recém falecido, colaborando com ele na direção de trabalhos que exigem muito empenho, tais como "Conchiglia", "La morte degli amanti", "Come prima meglio di prima", "Tovarich" e outros.

Com Annibale Betrone, primeiro-ator da Companhia de Paola Borboni, e novamente com Ruggeri em 1943, sob a direção de Nino Meloni inicia, em 1946, a sua luta para a concretização do seu mais íntimo desejo de atriz: declamar sozinha nos monologos. Outros sucessos, a obtenção do Premio San Genesio graças à sua interpretação de "La morale della signora Dulaska", não a afastam da sua vocação, que lhe grangela uma

medalha de ouro no Congresso de Saint Vincent.

"Volti di donna", (em programa esta noite no Municipal) ao qual já tivemos ocasião de nos referir, é, talvez, a expressão mais típica do genero de arte escolhido por Paola Borboni, e que representa a sua verdadeira maturidade artística, já inimitável, e que se encaminha agora rumo à gloria de uma inovação cujos limites e cujo porvir é impossível traçar.

Já conhecia a America do Sul — foi a primeira pergunta que lhe dirigi. — O que encontrou nela de diferente, mais digno de nota?

— Estive na Argentina quatro vezes, com esta: em 1927, com a Companhia de Falconi-Borboni; em 1931, com a Companhia Borboni-Lupi-Pescatori; em 1938, com a Companhia Bragaglia; e agora, em 1960, com o Teatro "Stabile" da Cidade de Turim. Aqui no Brasil, em São Paulo, duas vezes, e com esta, três. Mas, a partir da ultima vez em que vi São Paulo, não a teria reconhecido. Dir-se-ia que renasceu.

— É a primeira atriz que voltou a dar vida ao monologo? Seja porém como fôr, pode dizer-me os motivos que a inspiraram a empreender o difficil caminho do recital?

— Sim, eu sou a primeira, e quisera que minhas colegas, que imitam e me imitarão, se empenhem seriamente e não a esmo, para permanecerem sozinhas no palco. Um recital não deve ser uma prova de força, mas sim, a expressão de

uma poetica de trabalho, obtida através de meditação.

— Qual, dentre os cinco "Volti di donna", adere mais à sua personalidade artística, e representa com maior impulso?

— Os cinco "volti" são, para mim, igualmente caros; eu não poderia isolá-los, preferindo este a aquele. Pensei e tornei a pensar no espetáculo tal como é, e isolando uma das cinco partes, só poderia haver, em meu coração, lugar para a melancolia. Cada uma, e todas elas, formam um conjunto harmonico e preciso.

— Qual a diferença, para uma atriz, entre um recital e a interpretação de uma obra normal em três atos?

— Maior fadiga e um controle absoluto. A responsabilidade é autenticamente sentida; se uma atriz o dirige, o recital, é porque refletiu sobre ele.

— Pode um recital ser expressão de determinado teatro particularmente do italiano — e dos seus criterios norteadores?

— Não. Um recital é uma harmonia vivida primeiramente com o coração e com a mente, e a seguir a atuação de uma capacidade pessoal e predileção de textos e autores.

— Pode aludir, em breves traços, a um episódio de relevo particular da sua carreira de grande atriz?

— Certo dia, após o êxito particular de uma capacidade pessoal e predileção de textos e autores.

— Pode aludir, em breves traços, a um episódio de relevo particular da sua carreira de grande atriz?

— Certo dia, após o êxito particular de uma vitória mi-

nha, demonstrada e conquistada, fui insultada no terreno do trabalho por dois colegas em razão de outra parte que, segundo disseram, eu errara. Isso foi o indice do meu sucesso.

— Se a pergunta não é indiscreta, existem motivos particulares que a induziram a regressar à America do Sul?

— Particulares? Em absoluto. Convidaram-me a regressar, e eis-me aqui. Espero voltar logo, com sete espetaculos monologos. Será a menor companhia do mundo.

— Quais os escritores que prefere? E qual o motivo da sua preferencia?

— Bacchelli, Terron, Nicola, Buzzati, Pirandello (Stefano). Foram-me uteis, e são artistas.

— Qual é, na sua opinião, o lugar que cabe ao teatro italiano no âmbito mundial? E por que?

— Ousaria afirmar que figura em primeiro lugar, como fantasia.